



### Código de submundo

*Prisão Maior* é uma das obras mais complexas e brilhantes de toda a carreira de Joseph Losey, assim como o filme que estabelece um ponto de diferenciação na sua obra. Tanto temática como formalmente, *Prisão Maior* captura o desencanto e o niilismo que (salvo exceções muito concretas) vão dominar a restante filmografia do seu responsável máximo. E, sem dúvida alguma, o personagem de Johnny Bannion (interpretado de forma extraordinária por Stanley Baker) resulta na testemunha mais agressiva de todos estes conceitos, mostrando-se como um ser que vai muito além da sua marginalidade auto-imposta, para surgir como o refúgio inabalável do reverso mais obscuro da sociedade. É esta mesma sociedade que quer desfazer-se do suposto “monstro” por ela criado, confinando-o a uma permanência nativa atrás das grades. No entanto, Bannion expulsa constantemente o seu desprezo perante esta situação, enfrentando radicalmente qualquer vislumbre de reintegração, agitando o seu individualismo e a sua capacidade de sobreviver numa civilização na qual nunca encontrará o seu lugar.

Losey estabelece uma grande diferença entre o Johnny Bannion que cumpre uma pena na prisão e aquele que vive uma miragem de liberdade quando a sua pena termina. Ao contrário do que se possa pensar, a saída da prisão torna-se, para Bannion, uma prisão simbólica. Assim que pôs os pés na rua, percebeu que precisava de uma soma financeira que um de seus comparsas lhe daria. Da mesma forma, os ressentimentos pessoais contra a sua antiga parceira, Maggie, vêm à tona após anos de negligência. Algo que acaba por condicionar a sua imersão na sociedade e que se traduz na impossibilidade de se adaptar ao seu novo *habitat*, representado na dificuldade em adormecer na primeira noite que passa em liberdade. A sua permanência na prisão traduz-se, no entanto, na mais clara expressão da sua independência e autossuficiência. Aí, Bannion apresenta-se como um verdadeiro líder para a grande maioria dos reclusos, ditando as suas próprias regras, sujeitando-se aos códigos rigorosos que marcam o mundo ao qual pertence. Quando chega um novo recluso a quem todos desejam fazer pagar pelas suas traições, é Johnny que organiza a tarefa que este vai receber, sem que isso provoque um único motivo de discussão entre os demais presidiários. Losey mostra-se admiravelmente categórico ao sublinhar que o único elemento que une Bannion ao exterior é, essencialmente, o sexo. O apartamento em que vive encontra-se repleto de pinturas ou fotografias de mulheres nuas (...) e a relação que inicia com Suzanne está baseada, quase unicamente, no factor sexual (o corajoso nu da actriz Margit Saad assim o revela).

# PRISÃO MAIOR

um filme de Joseph Losey

com Stanley Baker, Sam Wanamaker, Grégoire Aslan, Margit Saad

Cópia Digital Restaurada | *The Criminal* | 1960 | Reino Unido | M/12 | 1h37

Johnny Bannion (Stanley Baker) é o preso mais respeitado numa prisão de alta segurança. Planeia um golpe para quando sair, um grande assalto a uma pista de corridas. Mas os tempos mudaram, e o estatuto de Johnny no submundo do crime já não é suficiente para impedir o seu regresso à prisão. Retrato de um personagem e da sua capacidade de sobrevivência numa sociedade onde nunca encontrará o seu lugar, *Prisão Maior* é um dos filmes mais complexos e mais brilhantes de Losey, e, de certo modo, marcará a sua obra a partir daqui. O comentário social arguto e um estilo visual singular (dos planos sequência ao domínio da elipse) fazem deste filme “uma das obras-primas de Losey” (Joaquín Vallet).



A encenação de *Prisão Maior* também estabelece uma série de arestas absolutamente imprescindíveis para o tratamento completo da personagem. Apesar da sua aparência seca e fria, Bannion é um ser profundamente vulnerável, algo que fica exposto no seu rosto quando Maggie aparece na cena da festa. Não obstante, é o instinto de sobrevivência que o obriga a exibir uma aparência de dureza e impermeabilidade que não corresponde, de modo algum, ao seu verdadeiro carácter. Prova disso é a oração que recita na sequência final quando está em agonia nos braços de um dos criminosos. A insegurança e a necessidade do personagem se agarrar a um significado concreto da vida (seja qual for) adquire as características do mais absoluto desespero existencial. Losey consegue transmitir estes elementos idiossincráticos do personagem mediante uma direcção aparentemente distanciada, cuja capacidade analítica inflexível se vê correspondida pela sobriedade da interpretação de Stanley Baker. *Prisão Maior* aparece como um filme cuja aspereza formal oculta uma profundidade consciente que adquire, em certas ocasiões, um conjunto de semblantes deslumbrantemente poéticos. A impressionante sequência final, por exemplo, dentro do seu extremo dramatismo e da vontade drástica de Losey em deixar o seu personagem “abandonado” à mercê das circunstâncias (todo o início da cena está concebido mediante planos gerais), alcança cotas de singular emoção quando a morte de Bannion é mostrada em planos fechados, escrutinando até à mínima expressão do

seu rosto e, por conseguinte, materializando visualmente o confronto entre a aparência do personagem e os seus traços internos.

Este choque deve-se a dois factores fundamentais. Por um lado, a mencionada insubordinação perante as estruturas sociais que o condenaram a estes níveis de marginalidade (o último plano do filme – que mostra a prisão solitária e desumana – não deixa nenhuma dúvida relativamente a esta tese). Por outro, os códigos marcados que regem o universo do crime e que Bannion adopta como uma forma de entender a vida. As sequências iniciais incidem nestas normas sub-reptícias que ninguém é capaz de reconhecer mas que todos (inclusive os guardas) aceitam como tal. Por este motivo, é necessário castigar severamente quem denuncia um companheiro (o já citado correctivo que se inflige a Kelly) ou que Bannion brigue com dois reclusos com que partilhará cela, com o objectivo de “marcar o seu território” e deixar bem clara a sua posição dentro da prisão. Por isso mesmo, quando se organiza o motim na prisão e se espalha a notícia de que Bannion terá deixado entrar os guardas, a sua reputação precipita-se em direcção ao vazio e converte-se noutro traidor mas a quem todos os reclusos estão obrigados a virar as costas. Bannion morre simbolicamente nesta sequência, que anuncia (noutro dos habituais elementos premonitórios de Losey) a sua morte física minutos depois.

*Prisão Maior* é, assim mesmo, uma peça na qual o estilo do cineasta adquire uma admirável lucidez.

(...)

Sem qualquer dúvida, uma das grandes obras-primas de Joseph Losey.

Joaquín Valette, in *Joseph Losey*, ed. Cátedra, 2010



«O talento de Losey para composições impressionantes e uma mise-en-scène meticulosa é evidente. Um espancamento numa prisão é filmado de forma brilhante, com cortes rápidos e chocantes ângulos expressionistas; dispositivos teatrais que remontam a Brecht (com quem Losey trabalhou) aparecem ocasionalmente, de forma inesperada.»

Adam Smith, *Telegraph*